

## A intervenção com pais e cuidadores enquanto estratégia de atendimento a pessoas com necessidades especiais

Intervention with parents and caregivers as assistance strategy for persons with special needs

La intervención con padres y cuidadores como estrategia para la asistencia a personas con necesidades especiales

*Gilsiane Maria Vasconcelos Marques<sup>1</sup>; Neirielle Almeida dos Santos<sup>2</sup>; Francisco Gilmário Rebouças Junior<sup>3</sup>; Georgia Maria Melo Feijão<sup>4</sup>; Cynthia de Freitas Melo Lins<sup>5</sup>*

### Como citar este artigo:

Marques GMV; Santos NA; Junior FGR; et al. A intervenção com pais e cuidadores enquanto estratégia de atendimento a pessoas com necessidades especiais. *Rev Fund Care Online*. 2018 abr/jun; 10(2):374-378.

DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i2.374-378>

### ABSTRACT

This article had its genesis during the Supervised Internship in Health Psychology II, held at APAE institution. Aims to investigate new possibilities of intervention with parents and carers of people with special needs, seeking to provide a support and clarification of the development of their children. The care with exceptional also includes taking care of the family, which often may not be ready to welcome them in the best way, and so it is important to integrate the multidisciplinary team to families and caregivers, given better management in the process adaptation and attention, working together to patient autonomy and encouraging their development. This work was done based on articles by reference in the subject, through literature, and through report stage experience and the intervention project developed for this audience.

**Descriptors:** Intervention with parents of exceptional; Psychological intervention; Group of parents and exceptional caregivers.

<sup>1</sup> Psicóloga, graduada pela Faculdade Luciano Feijão, pós-graduanda em Saúde Mental pelo Instituto de Formação Superior do Ceará (IFESC). E-mail: [gilsianemarques@gmail.com](mailto:gilsianemarques@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Faculdade Luciano Feijão. E-mail: [neirielleas@hotmail.com](mailto:neirielleas@hotmail.com).

<sup>3</sup> Psicólogo, mestrando em Saúde da Família na Universidade Federal do Ceará (UFC)/Sobral. Professor do curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão. E-mail: [gilmariojr@gmail.com](mailto:gilmariojr@gmail.com).

<sup>4</sup> Psicóloga. Doutoranda em Psicologia. Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Docente do Curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão. E-mail: [georgiafeijao@hotmail.com](mailto:georgiafeijao@hotmail.com).

<sup>5</sup> Doutorado em Psicologia (UFRN). Programa de Pós-graduação em Psicologia (UNIFOR).

## RESUMO

Este artigo teve sua gênese durante o Estágio Supervisionado em Psicologia da Saúde II, realizado na instituição APAE. Tem por objetivo investigar novas possibilidades de intervenção com pais e cuidadores de pessoas com necessidades especiais, buscando oferecer um suporte e esclarecimentos sobre o desenvolvimento dos seus filhos. O cuidado com os excepcionais também inclui o cuidado com a família, que muitas vezes pode não estar preparada para acolhê-los da melhor maneira, e por isso é importante a integração da equipe multiprofissional aos familiares e cuidadores, haja vista um melhor manejo no processo de adaptação e de atenção, trabalhando juntos a autonomia das pessoas deficientes e favorecendo seu desenvolvimento. Este trabalho foi elaborado baseado em artigos com referência no tema, através de levantamento bibliográfico, e também por meio de relato da experiência de estágio e o projeto de intervenção voltado para este público.

**Descritores:** Intervenção com pais de excepcionais; Intervenção psicológica; Grupo com pais e cuidadores de excepcionais.

## RESUMEN

Este artículo tuvo su génesis durante la pasantía supervisada en Psicología de la Salud II, que tuvo lugar en la institución APAE. Su objetivo es investigar nuevas posibilidades de intervención con los padres y cuidadores de personas con necesidades especiales, tratando de proporcionar un apoyo y clarificación del desarrollo de sus hijos. El cuidado con el excepcional también incluye el cuidado de la familia, que a menudo no pueden estar preparados para acoger de la mejor manera, y por lo que es importante integrar el equipo multidisciplinario a las familias y cuidadores, dada una mejor gestión en el proceso de la adaptación y la atención, trabajando en conjunto para potenciar a las personas con discapacidad y favorecer su desarrollo. Este trabajo fue realizado en base a los artículos con referencia en la materia, a través de la literatura, y también a través de experiencia en el escenario informe y proyecto de intervención enfocada para este público.

**Descriptor:** la intervención para los padres de excepcional; La intervención psicológica; Grupo con los padres y cuidadores excepcionales.

## INTRODUÇÃO

Com o nascimento de uma criança, nascem também os planos e as expectativas dos pais em relação ao futuro do seu filho. Já durante o processo de gravidez é comum que pais e mães projetem nesta criança fantasias sobre seu sexo, seu desenvolvimento na escola, sua carreira profissional, sua orientação sexual e até sobre a família que irá constituir um dia, bem como demais aspectos comuns ao crescimento humano. O que esperar então quando todas essas expectativas de uma criança “perfeita” são confrontadas com o nascimento de uma criança deficiente? É chegada a hora de abdicar dos planos do futuro para essa criança e ressignificar a experiência de parentalidade.<sup>1</sup>

Portanto, a “influência das relações familiares é clara em famílias com filhos deficientes, pois se trata de uma experiência inesperada, de mudança de planos e expectativas dos pais”<sup>1</sup>(p. 239), que a partir desse momento, passarão por um processo de superação até a aceitação da condição da criança com deficiência e terão que oferecer um ambiente inclu-

sivo que a estimule a desenvolver dentro de suas limitações, e claro, a forma como esta família irá lidar com a situação depende do aprendizado e da personalidade dos membros.

Para alguns, a pessoa com deficiência pode ser vista como debilitada e incapaz, já para outros, como um ser de muita coragem e capacidade de desenvolvimento, contudo a deficiência traz uma “forte carga emocional” a todos os envolvidos neste processo (pais, crianças e demais familiares), exigindo não somente uma reestruturação da rotina familiar, mas uma mudança em toda sua dinâmica.<sup>2</sup>

A influência da família no desenvolvimento social do deficiente é analisada sob duas perspectivas: a de facilitar ou de impedir a integração da pessoa com deficiência na sociedade, e a de integrá-la em seu ambiente familiar; tratam-se de aspectos interdependentes, pois quanto mais a família for integrada, mais natural e “normal” será a forma como o deficiente será tratado, possibilitando que ele tenha acesso a recursos e serviços disponíveis na comunidade, e ampliando sua integração na sociedade e sua aceitação na família.<sup>3</sup> Ao longo de sua experiência profissional, foi mostrado que “os indivíduos mais integrados socialmente, isto é, que levam uma vida mais ‘normalizada’, são aqueles que são tratados de maneira mais natural, mais ‘normal’ por suas famílias”<sup>3</sup>(p. 112).

A participação dos pais e responsáveis neste processo de desenvolvimento é de extrema significância, pois são as primeiras pessoas com a qual o portador de necessidades especiais passa a ter contato e aprende a se socializar. Então esta família precisa estar adaptada para a presença desse membro com necessidades especiais, preparando-se para as transformações no seio familiar, como para as de forças externas, que precisam ser enfrentadas; vencendo o preconceito e os estereótipos a eles impostos. Face à exclusão social que muitas pessoas com deficiências são submetidas, ocorre que a marginalização atinge a sua família, que torna-se estigmatizada também, e por isso muitas famílias optam por isolar seus filhos e reforçar os padrões de superproteção, agravando a condição especial desse sujeito, e o impossibilitando de desenvolver suas capacidades e aptidões<sup>3</sup>.

<sup>3</sup>Nos traz ainda que a família quando devidamente orientada, pode tanto auxiliar, quanto incentivar a integração da pessoa deficiente, uma vez que constitui o seu grupo social primário, portanto os profissionais não devem subestimar a importância da dinâmica familiar no processo de inserção social de deficientes.

## Relações Familiares e o Processo de Ressignificação

<sup>2</sup>Através de uma pesquisa realizada com familiares e cuidadores de pessoas com deficiência, puderam enumerar sete características peculiares a todos os que vivem o processo de ressignificação e de adaptação à convivência com um deficiente. A princípio há a vivência da dificuldade em receber o diagnóstico da deficiência na criança, até então idealizada de maneira totalmente saudável pelos pais, onde se mistu-

ram os sentimentos de tristeza, negação, humilhação e culpa; sentimentos estes que podem dificultar a interação com o filho. O segundo fator é evitar falar sobre a deficiência, em que a família tem dificuldades por conviver com o preconceito e estigma social, ou agem dessa forma como fuga da realidade em que vivem, para minimizar seu sofrimento; outro motivo de evitarem falar, seria pelo desconhecimento da deficiência, que configura outro empecilho para o desenvolvimento da criança. O terceiro aspecto diz respeito à dificuldade em contar com o apoio dos familiares e amigos, mostrando que muitos ficam frustrados em não poderem agir. A quarta categoria é viver em função do filho com deficiência, em que muitos cuidadores organizam suas vidas e rotinas para melhor atenderem seus filhos especiais, alguns até deixam trabalho ou diminuem a atenção para outras atividades e relacionamentos; entre as pesquisadas foi possível verificar o comprometimento conjugal após o nascimento do filho com deficiência, uma vez que as mães dedicam-se ao cuidado com a criança e reduzem o tempo para o casal. O quinto aspecto é render-se ao isolamento social, em que se privam e se anulam muitas vezes, por não poderem ir a determinados locais com o filho especial e por temerem que os filhos apresentem alguma necessidade que não venha a ser atendida naquele ambiente. A sexta categoria é em relação aos desejos próprios, onde muitos pais apresentam seus desejos e ainda possuem motivação para conquistá-los, contradizendo a hipótese da pesquisadora que acreditou que só possuísem os desejos dos filhos deficientes. E por último, o desejo de um momento para si, onde os sujeitos da pesquisa afirmaram seu desejo em atividades que lhes dessem atenção, com novas vivências, distintas ao que já possuem. Os pais de deficientes possuem também preocupações pelo resto de suas vidas, tais como quem irá cuidar de seu filho em sua ausência e a respeito do envelhecimento dele.

<sup>3</sup>(p. 117), a integração de um pai não é o mesmo que este viver em função do filho, pois integrar um membro deficiente é “deixar que ele ocupe um espaço na constelação familiar, nem maior, nem menor que os demais”, por isso exigirá que a família se reestruture para atender melhor à pessoa com deficiência.

<sup>1</sup>Chama a atenção para que hajam programas de intervenção precoce com famílias de deficientes, focados no apoio, informação, equilíbrio e sensibilidade, pois podem auxiliar significativamente na adaptação desses pais durante os primeiros anos de vida do filho especial. Os autores mencionam que numa experiência em comparação com um grupo controle sem a intervenção precoce, os pais que aderiram ao programa apresentaram melhor adaptação à deficiência do filho, e tiveram menos stress emocional, ansiedade e depressão.

A participação em grupos de intervenção e programas de auxílio pode ser de muita ajuda aos pais de deficientes, pois auxiliam no incremento de informações e dos recursos de enfrentamento e adaptação, gerando a possibilidade de compartilhar suas vivências com outras pessoas que convivem

com uma realidade parecida. Se houver dificuldades para lidar com o nascimento de um filho deficiente, os pais devem procurar o auxílio que julgarem necessário para a adaptação à rotina da deficiência, visando à melhor qualidade dos vínculos familiares<sup>1</sup>(p. 241).

A maneira que cada família supera e ressignifica essa experiência depende muito de seus recursos e da intensidade que o evento tem para si. Em momentos assim devem coexistir o crescimento, o fortalecimento dos vínculos e a maturidade e o risco de transtornos psíquicos, e fatores determinarão como essa experiência será atravessada pela família, tais como as crenças, como enfrentam mudanças, o ambiente em que vivem, suas expectativas, a comunicação entre os membros da família, o nível sociocultural e econômico, se há uma rede de apoio e se esta fornece suporte, a capacidade da família em buscar ajuda, entre outros fatores. Nenhuma pesquisa aponta que uma criança com deficiência irá acarretar conflitos na família, muito embora essas famílias estejam em uma situação de risco, porém nada confirma que o risco é certo de concretizar-se<sup>1</sup>.

De acordo com a experiência vivida por meio do estágio supervisionado na APAE de Sobral-CE, todos os aspectos supracitados são verificados nos discursos de pais e cuidadores que são diariamente atendidos. Havendo assim, a necessidade de uma visibilidade maior e melhor dessas pessoas que estão tão diretamente ligadas aos deficientes pertencentes à instituição. Foram desenvolvidos dois projetos paralelos para atender a essa demanda, onde um se dedica ao cuidado com mães e cuidadoras que estão na sala de espera em virtude dos filhos estarem em atendimento, e o outro dedicado a pais e cuidadores de adolescentes e jovens, a fim de cuidar da orientação dos pais sobre o desenvolvimento sexual e da autonomia e independência de seus filhos. Ambos pretendem levar informações claras e objetivas, segurança e atenção, para que cuidem melhor de seus filhos com deficiência, cuidem melhor da relação que possuem com eles, para que possam pensar e compreender o desenvolvimento de seus filhos, e assim melhorarem seus relacionamentos interpessoais. Ao final das intervenções espera-se que a APAE de Sobral-CE estimule seus profissionais para que possam continuamente educar pais e filhos sobre a desenvolvimento cognitivo e social dos deficientes.

## **O Processo de Inserção e Educação de Pais e Cuidadores de Pessoas com Deficiência**

Partindo do fato de que para o indivíduo com deficiência esteja integrado socialmente ele necessita estar integrado em sua própria família, é que a intervenção precoce no âmbito familiar é de suma importância, de certa forma tão útil e necessária quanto o atendimento direto ao deficiente, entre outras palavras, os profissionais especialistas devem se focar no atendimento familiar<sup>3</sup>.

A existência de uma equipe multiprofissional nas redes de apoio e serviços voltados para pessoas deficientes possibili-

tam a troca de conhecimentos e a construção de um diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento. É necessário que cada profissional tenha sua valorização e seu espaço dentro do processo de intervenção, efetivando assim a interdisciplinaridade de conhecimentos e experiências. Por isso, as equipes formadas na APAE contam com psicólogos, pedagogos, fisioterapeutas, médicos, terapeutas ocupacionais, educadores físicos, assistentes sociais, nutricionistas, entre outros profissionais, de modo atender cada aspecto do desenvolvimento do sujeito. Esta mesma equipe auxilia também no processo de atendimento e apoio às famílias e cuidadores dos deficientes.

O processo de psicoeducação varia de acordo com os pressupostos e os objetivos de cada profissional, contudo seu papel é educar pais e cuidadores de deficientes acerca da deficiência dos seus filhos e de como lidar com o seu desenvolvimento. Um grupo de psicoeducação configura-se um dos principais dispositivos para modificar os aspectos negativos e para trabalhar o entendimento e fornecimento de informação aos pais e cuidadores, possibilitando que compreendam e lidem melhor com seus filhos, além de aderirem ao tratamento para que auxiliem na dinâmica familiar<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>A rede de apoio e os serviços voltados para o tratamento e acompanhamento de pessoas com deficiência devem contribuir no processo de adaptação da família, atendendo-a com os recursos e os profissionais adequados, e estes profissionais de saúde precisam se relacionar com os familiares e cuidadores. Muitos pais ainda sofrem com o tratamento de alguns profissionais da saúde, pois estes não demonstram respeito no momento de lhes dar a notícia da deficiência do filho, que é outro aspecto a ser trabalhado nesses profissionais. Um ponto também a ser trabalhado diz respeito, como anteriormente mencionado, à psicoeducação desses pais e cuidadores, em que a maioria convive com a precariedade de informações sobre a deficiência dos filhos, e quanto mais conhecem sobre a deficiência dos filhos melhor podem ressignificar o processo de luto da idealização, diminuindo a ansiedade envolvida. A orientação desses pais também permite que eles possam educar e treinar melhor seus outros filhos para que convivam satisfatoriamente com o irmão deficiente.

<sup>3</sup>Enquanto profissionais da saúde, nos convida a minimizar os sentimentos de isolamento e superproteção das famílias, e a orientar e esclarecer sobre as reais capacidades dessa criança especial, provocando um olhar nesses pais sobre si mesmos. E mesmos não sendo psicólogos, deverão abrir espaço para que esses pais tragam suas dúvidas, frustrações e ansiedades para serem trabalhados e não imobilizados. É necessário também fornecer a esta família informações precisas e atualizadas sobre as condições de seu filho, para que busquem outras alternativas de atendimento e saibam lidar com as situações cotidianas.

Como melhor forma de atuar com famílias que possuem membros deficientes, o psicólogo precisa reconhecer a importância da presença desse seio familiar, que é fundamental para o desenvolvimento da criança; perceber também que as famílias que possuem crianças deficientes não

serão, de certa forma, problemáticas, desde que possuam condições como apoio familiar, econômico e social; e por fim, tratar essas famílias com muito respeito e sensibilidade, para que possam confiar nos serviços e colaborar com o tratamento desenvolvido.

Os profissionais, portanto, precisam compreender os pais como parceiros ativos e significativos ao trabalhar com crianças, deficientes ou não. Os pais conhecem os filhos muito profundamente, e os psicólogos necessitam tanto respeitar e utilizar esse conhecimento como auxiliar no processo terapêutico<sup>1</sup>(p. 244).

Voltando-se à experiência de estágio na APAE de Sobral-CE, foi possível notar algumas demandas urgentes que necessitam de intervenção, dentre elas, o fato de que quando pais ou cuidadores estão em atendimento, não é disponibilizado a eles um cuidado específico, de uma forma que seja compreendidas suas angústias, sua falta de conhecimento da deficiência do filho, suas conquistas e desafios encontrados ao longo da criação do filho deficiente; bem como, a presença de um discurso cristalizado de alguns pais, que deu a impressão de que preferem educar seus filhos dentro de uma redoma de proteção, sem os incentivar a continuar desenvolvendo e a executar tarefas normais à vida de qualquer pessoa, ou seja, sem os estimular a buscar a autonomia e a independência perante seus responsáveis e demais profissionais e serviços; e por fim, a demanda de educação sexual destes usuários, aliada à conscientização dos pais para esta mesma educação, de maneira que fiquem cientes que a descoberta pela sexualidade ocorre normalmente em qualquer sujeito, independentemente deste ser deficiente ou não.

A necessidade de formar um grupo com os pais e responsáveis destes usuários é a forma de reunir todos e debater livremente as queixas maiores dos seus filhos, sem que seja quebrado o sigilo do atendimento individual ou que sejam colocados em uma situação constrangedora diante dos outros ali presentes. A ideia surge para tentar oferecer este espaço terapêutico aos pais que possuem dúvidas de como educar seus filhos especiais, haja vista, não poderem controlar ou modificar o comportamento que apresentam.

Percebe-se que vai além de apenas cuidar ou ensinar como educar aquela criança, há a necessidade de fortalecer vínculos entre pais e filhos, compreendendo o quanto pode ser difícil essa relação, uma vez que grande parte dessas mães e pais tem outros filhos para cuidar, educar e dar atenção. O que nos leva à questão: Quem é essa mãe ou pai, quais as expectativas e quais os desejos que tinham em relação a essa criança tão esperada, envolvida em tantas esperanças? A família é o primeiro contato que se tem enquanto sujeitos, onde se fazem sociáveis e pertencentes a um grupo social, onde desenvolvem a personalidade, cultura, atitudes e o modo de viver em conjunto, através das trocas de afetos, então, dessa forma ao abrir o espaço para esses pais falarem sobre suas conquistas e dificuldades, será dado o início da possibilidade de ser trabalhado sentimentos ambíguos em relação aos filhos.

Se esses pais forem bem orientados e sensibilizados para estas situações, podem influenciar positivamente na autoconfiança de seus filhos para o desenvolvimento de suas capacidades. Podem também se tornar melhores preparados para lidar com suas emoções, expectativas, valores e crenças envolvidos da condição de que seu filho nasceu. E o apoio da família além de reduzir a exclusão, minimiza as ansiedades que o excepcional precisa lidar, criando um ambiente mais acolhedor e possibilitando o enfrentamento dos problemas cotidianos<sup>3</sup>.

<sup>5</sup>Vem nos dizer que para os profissionais envolvidos com as famílias de pessoas portadoras de deficiência, é de suma importância que tenham o maior conhecimento possível das dinâmicas pelas quais passam estas famílias para se instrumentalizarem emocional e racionalmente, uma vez que a literatura tem enfatizado a necessidade de que esses pais recebam o maior número possível de informações, que tenham suas dúvidas esclarecidas para que possam decidir com maior segurança os recursos e condutas primordiais para o bom desenvolvimento de seu filho.

## CONCLUSÃO

Enquanto psicólogo, é necessário que o profissional esteja sempre atento as suas habilidades e competências, para que possa executar seu trabalho com melhor eficiência e sensibilidade. E o papel do psicólogo da APAE é atender não somente as pessoas com deficiência, como também os pais e cuidadores, fornecendo-os melhores orientações (informações adequadas, programas e grupos direcionados a essa demanda), para que assim, possam conviver nesse contexto e ajudar seus filhos a terem um desenvolvimento sadio e adequado, para que sua convivência com a sociedade seja de total inclusão. Uma vez trabalhada a angústia dos pais em relação ao processo de desenvolvimento do filho com deficiência, será permitido que ele viva de forma harmônica com a família e a sociedade. É preciso, em primeiro lugar, que os pais entendam as reações emocionais, intelectuais, a importância de uma reeducação social, psicológica, para que a pessoa com a deficiência possa desenvolver suas capacidades.

Cabe ao psicólogo essa percepção que não é só a criança que está necessitando de cuidado, mas também toda uma estrutura familiar, que por muitas vezes não esperava o nascimento dessa criança com limitações que irão exigir mais atenção, trazendo informações com uma linguagem clara e objetiva para que eles aprendam a lidar com situações até mesmo de preconceitos que possam vir a ocorrer, ou por meio de informações ligadas à saúde dos filhos, ajudando-os a cuidarem melhor deles e proporcionando um desenvolvimento adequado.

Neste âmbito, o psicólogo deve acompanhar e auxiliar as famílias durante o processo de construção de uma convivência mais flexível e saudável, oferecendo ao membro deficiente uma segurança maior para conviver socialmente, pois quando uma família atinge um bom nível de integração,

isto servirá como base para a transformação da concepção de atendimento familiar<sup>3</sup>.

É reconhecer que os pais e cuidadores são peças fundamentais para os cuidados com a saúde dessas pessoas com deficiência, principalmente em situações crônicas e a longo prazo. É possível concluir, que há a necessidade de acolher melhor e atender a esses pais e cuidadores, de uma maneira que possam trazer suas expectativas e sua experiência e assim serem parte fundamental, juntamente com a equipe multiprofissional, no tratamento dos seus filhos especiais.

## REFERÊNCIAS

1. Fiamenghi, GA Jr., Messa, AA. Pais, Filhos e Deficiência: Estudos sobre as relações familiares. *Psicologia Ciência e Profissão*. 2007;27(2):236-245.
2. Barros, CF, Montilha, RCI. Cuidadores de pessoas com deficiência atendidas em instituição filantrópica: Características, percepções e participação de intervenção em grupo. Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial; 2011; Londrina; Brasil. Londrina, 2011.
3. Glat, R. O papel da família na integração do portador de deficiência. *Revista Brasileira de Educação Especial*. 1997;2(4):111-119.
4. Freire, S. Grupo de cuidadores: um olhar na integralidade das relações familiares. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia; 2012. Disponível a partir de: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/62378>.
5. Brunhara, F, Petean, EBL. Mães e filhos especiais: reações, sentimentos e explicações à deficiência da criança. Ribeirão Preto; 1999. Disponível a partir de: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v9n16/04.pdf>.

Recebido em: 12/10/2016

Revisões requeridas: 09/03/2017

Aprovado em: 31/03/2017

Publicado em: 10/04/2018

### Autor responsável pela correspondência:

Cynthia de Freitas Melo

Universidade de Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Avenida Washington Soares, nº 1321, Bloco N, Sala N13, Edson Queiroz, Fortaleza/CE, Brazil

ZIP Code: 60811-341

E-mail address: [cf.melo@yahoo.com.br](mailto:cf.melo@yahoo.com.br)

Telephone number: +55 (85) 3477-3219